

#### 4. Estratégia Organizacional e Inovação

**GOVERNANÇA E INOVAÇÃO DE NEGÓCIOS: GESTÃO DO PROGRAMA  
VERTICAL DA ACATE-SC**

## **RESUMO**

Com a bússola apontada para a inovação tecnológica e empreendedorismo em Santa Catarina, os trabalhos feitos com parceiros e comunidade nos centros de inovação têm apresentado resultados relevantes e transformador para tracionar projetos e ideias. A presente pesquisa aborda o conceito de vertical a partir da perspectiva de governança e desenvolvimento econômico. Desta forma, o estudo objetiva apresentar questões referentes às características e funções de um Sistema de Inovação (SI) para o desenvolvimento econômico da governança em projeto de vertical ACATE. Para efeitos de método foi realizada uma pesquisa qualitativa com estudo de caso coletando os dados por meio entrevistas semiestruturadas, discutidas e analisadas por meio da análise interpretativa. Os resultados obtidos demonstram que é necessário trabalhar a inovação conectada a políticas público-privadas, envolver fortemente as lideranças em todo o processo das verticais e levar as boas práticas desse programa a todo o estado de forma a gerar valor e resolver problemas.

**Palavras-Chave:** inovação, governança, desenvolvimento econômico, sistema de inovação.

## **ABSTRACT**

With the compass pointed towards technological innovation and entrepreneurship in Santa Catarina, the work carried out with partners and the community in innovation centers has presented relevant and transformative results to drive projects and ideas. This research addresses the concept of vertical from the perspective of governance and economic development. In this way, the study aims to present questions regarding the characteristics and functions of an Innovation System (IS) for the economic development of governance in an ACATE vertical project. For method purposes, qualitative research was carried out with a case study, collecting data through semi-structured interviews, discussed and analyzed through interpretative analysis. The results obtained demonstrate that it is necessary to work on innovation connected to public-private policies, strongly involve leaders in the entire vertical process and take the good practices of this program throughout the state in order to generate value and solve problems.

**Keywords:** innovation, governance, economic development, innovation system.

## INTRODUÇÃO

Os avanços tecnológicos tiveram grandes impactos sobre o modo como as empresas se organizam, surgindo, assim, novos modelos de negócios, com uma visão ampliada do real significado do termo “colaboração” entre os stakeholders. Neste cenário, a temática da governança assumiu um lugar de destaque no debate empresarial e nas pesquisas acadêmicas.

Ao considerar a concepção do SI em amplitude nacional, Lundvall (1992) introduz o conceito de Sistema Nacional de Inovação (SNI), definido como a ação conjunta de diferentes agentes e suas respectivas relações, que propiciam a produção, difusão e uso do novo — e economicamente útil — conhecimento. Johnson (1992) define um SNI como a inter-relação de todos os fatores institucionais e estruturais de um país que, geram, selecionam e difundem inovação.

A inovação não é, portanto, resultado do conhecimento tecnológico isoladamente, mas fruto da interação e compartilhamento de conhecimentos explícitos e tácitos em diferentes ambiências. Compreender o surgimento da inovação no contexto dos sistemas de produção e seu respectivo papel para o desenvolvimento da sociedade se revela de extrema importância para as organizações que desejam atuar enfocando a geração e a gestão de inovação (Lundvall, 2007).

Como a importância do processo de aprendizado para a competitividade da empresa extrapola os limites dessa instituição, criam-se condições para aumentar as vantagens competitivas de uma economia na totalidade, a partir de um ou mais ramos de atividade econômica específicos, sejam eles limitados geograficamente (regional ou local) ou não. Nesse sentido, um SNI compreende um conjunto de relações entre as diferentes formas de inovação e a promoção do aprendizado (Lundvall, 2007). Mais ainda, um SI tem como função promover o desenvolvimento econômico, para isso deve ser formado por agentes públicos e privados, em busca de soluções coletivas e compartilhadas (Lundvall, 2002).

O *setor científico* é fundamentalmente direcionado à inovação tecnológica, composto pelas universidades e centros de pesquisa, instituições de educação e treinamento organizacional. São fundamentais, tanto por serem responsáveis pelo suprimento de cientistas, engenheiros, técnicos, e demais profissionais qualificados, quanto por serem responsáveis pela geração e compartilhamento do conhecimento.

O *setor de serviços* inclui as organizações ou departamentos de consultoria financeira, técnica, tecnológica, *marketing* e treinamento, que assistem o setor industrial no desenvolvimento ou introdução de um novo produto ou processo. Finalmente, o *setor institucional* incorpora diferentes tipos de instituições, formais e informais, regulam as relações entre os atores do sistema, reforçando as suas capacidades de inovar, gerenciar conflitos e cooperar. São exemplos desse setor, associações de empregados, como o caso da Associação Catarinense de Tecnologia (ACATE), objeto desta pesquisa.

Nessa seara, o presente artigo visa analisar a governança do programa vertical da ACATE tendo como pergunta principal *como um sistema de inovação a partir das relações que se estabelecem entre empresas (parceiros) acontece na prática para promover a inovação?*

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Originária dos trabalhos seminais de Coase (1937), Williamson (1996) e Jensen e Meckling (1976), a governança construiu suas bases em um contexto

organizacional de incerteza, conflito de interesses, assimetria informacional e contratos incompletos. A governança ganhou ainda mais complexidade quando as organizações ou territórios passaram a buscar, por uma ação coletiva e articulada, melhorar seus desempenhos individuais.

Nessa conjuntura, emerge não necessariamente uma nova forma de governança, mas um novo estilo de conduzi-la que permite, pelo aprofundamento de relações dialógicas (Habermas, 1987), a construção de convergências que possam subsistir aos múltiplos interesses envolvidos. A ideia é gerar um reposicionamento, movendo-se de uma perspectiva de adversários para uma de parceria, que, mesmo possuindo particularidades, consegue vislumbrar pontos comuns que podem ser conduzidos de modo coletivo e articulados. A governança colaborativa, como se tornou conhecida, reúne as partes interessadas (multiatores) em fóruns coletivos para se empenharem na tomada de decisões orientadas para o consenso.

O conceito de governança emerge com mais contundência na transição para o novo século, associado a mudanças estruturais na sociedade, reforma administrativa e reformulação do papel do Estado, reforço da democracia participativa e descentralização nos processos (Gray, 1989). A governança, em termos gerais, refere-se ao ato de governar as relações interorganizacionais em um contexto de ação coletiva pela articulação de normas e regras conjuntamente determinadas e projetadas para regular o comportamento individual em um contexto de grupo (Ostrom, 1990).

A forma como se organiza a governança em ambientes onde diferentes atores estão interligados interorganizacionalmente, influencia o aumento da interdependência entre eles e está ligada à coordenação e ao controle das ações e dos projetos, de modo a desenvolver e especializar seus membros, incentivando a produção de conhecimento comum e incentivando a cooperação e inovação (Amorim; Moreira; Ipiranga, 2004).

Neste contexto, a inovação se apresenta na literatura como primordial para a geração de vantagem competitiva e como ela está estruturada pode ser determinante para o sucesso de implementação de estratégias. Schumpeter, em 1911, estava entre os poucos economistas modernos que observavam a mudança tecnológica e o empreendedorismo na raiz do crescimento econômico. Seu foco, na época, já era o empreendedor e seu objetivo era explicar o papel da inovação no crescimento econômico e na ordem cíclica do sistema (Carlota Perez, 2010). A inovação é considerada o processo que impulsiona o desenvolvimento econômico há mais de um século. A tecnologia é vital para o desenvolvimento econômico, em parte porque gera externalidades positivas que beneficiam vários agentes, especialmente aqueles que estão próximos do inovador.

A procura de tecnologia e conhecimento complementares é provavelmente o incentivo mais convincente que uma empresa pode ter para cooperar, seguida de obter acesso a novos mercados. No que diz respeito ao processo de escolha de parceiros para cooperar, os motivos por trás da decisão de cooperação de uma empresa determinam o tipo de parceiro mais adequado. Assim, as empresas que procuram conhecimento geralmente cooperam verticalmente — a cooperação horizontal acontece com menos frequência — com fornecedores locais, consumidores e instituições de investigação, enquanto as empresas que procuram acesso ao mercado tendem a cooperar internacionalmente (Miotti; Sachwald, 2003).

O tipo de parceiro escolhido pode esclarecer os recursos complementares e as sinergias que as empresas pretendem utilizar e alcançar. As empresas podem celebrar acordos de cooperação com parceiros escolhidos com base na similaridade

e complementaridade (Amara; Landry, 2005; Arranz; Arroyabe, 2008; Foray, 1991). Por sua vez, pode-se argumentar que quanto mais parceiros de investigação uma empresa realiza, melhor será o seu desempenho inovador, uma hipótese que tem sido consistentemente testada na literatura, mas com resultados inconclusivos. Os resultados de ter muitos acordos de cooperação ao mesmo tempo, dependem do tamanho da empresa, sendo as empresas menores menos capazes de sustentar vários acordos devido à falta de recursos.

Marshall (1890) foi um dos primeiros autores a trabalhar com o conceito de *externalidades*, desenvolvendo uma teoria de localização industrial — nomeadamente, o distrito industrial *Marshallian* — segundo a qual os recursos naturais da região e os custos relacionados com o transporte resultaram na concentração da atividade econômica. No entanto, a concentração resultou na transmissão hereditária de aptidão, significando que a difusão de Conhecimento e tecnologia relacionada a um setor específico ocorreria localizadamente, como sugere sua famosa frase “o segredo da indústria está no ar”. Portanto, as externalidades positivas, ou repercussões, seriam geograficamente localizadas.

Um SNI se estabelece a partir de um processo interativo das diversas organizações e instituições, dos setores público e privado, cujas atividades/ funções estão voltadas à produção, à difusão e ao uso de inovações (Freeman, 1995; Edquist, 2001). Nelson (1993) define SNI como um conjunto de instituições que determinam, por meio de suas interações, o desempenho inovativo das empresas. Edquist (1997) define SNI como todos os fatores econômicos, sociais, políticos, organizacionais e outros que influenciam o desenvolvimento, a difusão e o uso de inovações.

Pereira e Datheïn (2003), definem que crescimento e desenvolvimento são termos veiculados da Biologia e foram incorporados à Economia. Ora tido como sinônimo (assumindo que todo crescimento é acompanhado de mudança cumulativa, resultando em um processo de desenvolvimento) ora entendido como processos não intercambiáveis. Assim, definem que o crescimento é uma condição necessária (mas não suficiente para o desenvolvimento) a menos que este último processo tenha sido amplamente consolidado, ou seja, a combinação de diferentes formas de inovação promove as condições favoráveis para o desenvolvimento econômico no longo prazo.

Em suma, aportados numa perspectiva “institucionalista-evolucionária”, definem o desenvolvimento como sinônimo quando atrelado ao crescimento contínuo e duradouro, baseado em inovações que ocorrem encadeadamente. Finalmente “o SNI passou a ser entendido como suporte fundamental para a promoção do desenvolvimento econômico, por compreender um conjunto de atores e instituições cuja trajetória interativa tem sido fundamental para o desempenho das economias industrializadas, em uma perspectiva histórica” (Pereira; Datein, 2003, p.33).

Lundvall (2005) já trata que o SNI tem sua existência há mais de 20 anos, tornando-se amplamente difundido entre formuladores de políticas e acadêmicos em todo o mundo. Nesta perspectiva, trata conceitualmente do conceito e suas condições de divergência/convergência teórica, sua origem e uso do conceito e os atrela num contexto teórico-prático (com ênfase nas engenharias), o qual atrela-se às realidades locais.

Como conclusões, desenvolve as limitações do conceito e sua necessidade de refinamento quando aplicados aos países em desenvolvimento que, dentre outros aspectos, destaca “a dada atenção especial às instituições e capacidades que apoiam a aprendizagem “aponto para a necessidade de dar mais ênfase à

distribuição de poder, à construção institucional e à abertura dos sistemas de inovação” (ibid., p.29).

Cario *et al* (200-), alinhados a isso, objetivam em seu artigo apresentar o significado, características e ações voltadas para o desenvolvimento de sistemas regionais inovadores.

Para tal, utilizam da bibliografia dos neo Schumpeter e trazem como os resultados que na região, empresas, universidades, institutos de pesquisa, administrações públicas e outros atores estão desenvolvendo relações interativas e colaborativas para o desenvolvimento inovador. Nesse espaço, existem costumes, valores e culturas, além de estruturas produtivas e institucionais que possibilitam diferentes modelos de sistemas regionais de inovação.

Como possíveis caminhos, os autores evidenciam que “cabe ao Estado atuar como agente do desenvolvimento regional por sua capacidade de mediar interações e expressão política e promover iniciativas inovadoras. A ênfase é colocada na política de desenvolvimento, nos processos de aprendizagem, na formação de estratégias comuns e na disponibilização de recursos orientados para a interação e cooperação” (s.d.,p. 9).

## **O campo: objeto pesquisado**

O sucesso do associativismo passa por estimular os empreendedores que atuam em um mesmo mercado a se conhecer, trocar experiências e buscar o desenvolvimento conjunto. Este foi o propósito que gerou o programa Verticais de Negócio da ACATE, criado em 2009 e que se mantém como um dos grandes diferenciais da entidade, gerando constante networking e oportunidades de negócio, conexões e projetos.

A ACATE conta com 11 verticais, nas áreas de Agtech; Construtech; Educação; Energia; Fintech; Manufatura 4.0; Peopletech; Saúde; Security Tech; Smart Cities e Varejo. Por meio de reuniões periódicas, os associados participam de grupos de acordo com sua área de atuação e debatem problemas e necessidades de seus mercados, além de desenvolver eventos e projetos de relevância.

Qualquer empresa associada a ACATE pode participar da Vertical que representa sua área de atuação. Integrar uma vertical permite alcançar grandes nomes do mercado e do ecossistema, ganhar visibilidade, trocar experiências, gerar networking, participar de rodadas de negócios, obter acesso a oportunidades ímpares e a conteúdos exclusivos.

Atualmente, mais de 500 empreendedores estão no programa. É uma forma de apresentar a solução para grandes players e obter desafios solucionados por startups. Há também, o Selo Member Verticais de Negócios. São diversos benefícios oferecidos aos associados, atualizando-os com as oportunidades, conectando-os a universidades e outras instituições.

Nessa dinâmica o artigo buscará também: 1. Descrever o ambiente de inovação conforme o referencial teórico; 2. Citar evidências e traços das relações que se estabelecem dentro do campo (melhorias, barreiras) e 3. Analisar o programa vertical da ACATE para a promoção da inovação.

## **METODOLOGIA**

Esta pesquisa é metodologicamente qualitativa, a qual busca entender, descrever e explicar fenômenos em maior grau de aprofundamento que uma abordagem unicamente quantitativa (Neves, 1996). Também é entendida como estudo de caso que, segundo Triviños (1987), pode ser compreendido como uma categoria de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa profundamente.

Ainda de acordo com esse autor, pode-se identificar três tipos de estudos de caso: estudo de caso histórico-organizacional; estudo de caso observacional e história de vida (Triviños, 1987). Para fins deste estudo, optou-se pelo estudo de caso observacional, envolvendo a realização de entrevistas semiestruturadas e em profundidade junto a dois empreendedores que participam ativamente das verticais que são objeto de investigação alvo do estudo e mais dois profissionais que compõem a gestão das verticais (aqui nomeados E1, E2, G1, G2).

A entrevista semiestruturada tem como característica: fomentar questionamentos básicos apoiados em teorias e hipóteses relacionadas ao tema da investigação realizada (Triviños, 1987) que permitem delinear novas questões, emergentes das respostas obtidas. O foco principal é, então, colocado no investigado, pois “[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade [...]”, além de manter a presença consciente e atuante do pesquisador no processo de coleta dos dados (Triviños, 1987, p. 152).

Similarmente, Manzini (1990/1991, p. 154), evidencia estar a entrevista semiestruturada focalizada em assunto sobre o qual se elabora roteiro com perguntas principais, complementadas por outras, inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista. Além da realização de entrevistas, também se recorreu à análise de informações disponíveis na internet no sentido de melhor caracterizar o alvo do estudo.

As entrevistas na ACATE foram realizadas no período entre 30/10 a 02/11 de 2023, precedidas por agendamento via aplicativo WhatsApp, enviado convites nos grupos dos associados, onde quem voluntariamente aceitasse participar, agendaria via *Calendly* (plataforma de comunicação empresarial utilizada para agendar, preparar e acompanhar reuniões externas). Na sequência, essa agenda foi integrada via agenda do *Google* com link para o *meet* com data e horário previamente planejado conforme período supraescrito.

Cada entrevista durou de trinta a quarenta e cinco minutos e todas contemplaram a questão de inovação, a percepção dos pesquisados sobre o tema, qual o impacto que atribuem estar na ACATE, dentre outros temas correlatos. Por fim, o tratamento dos dados ocorreu pela análise descritiva das falas e com a análise interpretativa por parte do pesquisador, associando a teoria com o que foi falado.

## **ANÁLISE DOS RESULTADOS**

Após coleta dos relatos foi percebido que a inovação para os entrevistados se aproxima de estabelecer relações sociais e também utilizar dos recursos que são disponíveis, no sentido de estar constantemente compartilhando os seus conhecimentos, sejam eles tácitos (não segue um rigor formal) ou formais (uso de educação, cursos, etc.). Como é possível ler:

O programa nasceu muito do interesse de gerar networking e conexões entre empresários. ACATE é uma associação de empresas de tecnologia, então entendia-se que o programa precisava de algo que fizesse essas conexões que colocasse a associação no dia a dia dessas empresas com frequência, e que conseguisse discutir ali tendências, gerar negócios entre eles, gerar negócios para fora com outras instituições [...]. A gente coloca que o propósito do programa é gerar um ambiente propício a oportunidades de negócios. Entre elas e com outras instituições externas, assim, outras empresas, corporações, seja a partir do conhecimento dos pares, então, eles se conectam como pares e sabendo ali quem são as empresas que estão aqui dentro de Santa Catarina (G1).

Acho que para mim a inovação não acontece se não for um ambiente diverso [...] Na pluralidade das coisas, diversidade de pessoas, de opiniões, de origens, de vivências, a inovação está apropriada. E o propósito da ACATE, essa parte, assim, de associativismo, voluntariado, que está, eu estou nisso desde os 17 anos, né, então já faz bastante tempo. Então, eu vejo que a ACATE, ela tem muito disso, assim, ela, eu sei que ela passou por algumas remodelações há uns 10 anos, 15 anos, e isso favoreceu muito para ela chegar no estágio que ela está (E1).

A partir das respostas é possível inferir que a inovação não é, portanto, resultado do conhecimento tecnológico isoladamente, mas fruto da interação e compartilhamento de conhecimentos explícitos e tácitos em diferentes ambiências. Compreender o surgimento da inovação no contexto dos sistemas de produção e seu respectivo papel para o desenvolvimento da sociedade se revela de extrema importância para as organizações que desejam atuar enfocando a geração e a gestão de inovação (Lundvall, 2007) de maneira que “o objetivo é o crescimento econômico de todo um cenário, e não só das empresas, das pessoas que estão lá se voluntariando” (E1).

Também foi possível constatar que os entrevistados demonstram que para obter êxito no sistema de inovação é de importância estabelecer o conjunto de diversas áreas. Com isso, participam de diversos setores no sentido de propor alternativas para um desenvolvimento orientado a uma solução conjunta:

Dentro da ACATE, eu participo do Comitê de Diversidade, que é um comitê que está dentro do grupo temático do Mulheres ACATE, então eu também participo do Mulheres ACATE, mas dentro do comitê, assim, mais forte. E eu também participo da vertical de Manufatura 4.0 (E1).

Então estou participando de vários eventos, como participante mesmo, ou como mentor, ou até como voluntário. O tempo todo em busca de inovação em tecnologia para isso que a gente tem, para a nossa startup, que é voltada para a segurança do trabalho dentro, hoje, da construção civil (E2).

A partir do que foi apresentado é percebido como os entrevistados entendem que um SNI compreende um conjunto de relações entre as diferentes formas de inovação e a promoção do aprendizado (Lundvall, 2007). Mais ainda, um SI tem

como função promover o desenvolvimento econômico, para isso deve ser formado por agentes públicos e

privados, em busca de soluções coletivas e compartilhadas (Lundvall, 2002) pois “a gente se coloca como esse ambiente, esse lugar que vai abrir oportunidades para as empresas fazerem negócios entre elas e com outras instituições externas, assim, outras empresas” (G1).

O conceito de governança emerge com mais contundência na transição para o novo século, associado a mudanças estruturais na sociedade, reforma administrativa e reformulação do papel do Estado, reforço da democracia participativa e descentralização nos processos (GRAY, 1989) pois “eu acho que as duas coisas acabam se complementando. Porque o poder público e os atores políticos vão precisar dos atores econômicos para se organizar” (E1) . A governança, em termos gerais, refere-se ao ato de governar as relações interorganizacionais em um contexto de ação coletiva pela articulação de normas e regras conjuntamente determinadas e projetadas para regular o comportamento individual em um contexto de grupo (Ostrom, 1990). Assim:

Tanto a questão das instituições privadas quanto públicas, tá? É extremamente necessário, é extremamente importante que elas estejam presentes, entendam qual que é o movimento e para onde que estão sendo direcionados os movimentos de inovação e tecnologia, independente do estado do país. Porque, senão, viram novamente bolhas. O estado ou o poder público está trabalhando numa bolha de alguma coisa que ele imagina que é inovação. E depois lá na instituição privada, a mesma coisa. E aí, ou seja, eles estão com problemas que não chegam para o mercado preparar as soluções, eles estão imaginando soluções dentro daquele mundo, daquela bolha e às vezes já está acontecendo ou já tem solução aqui no mercado

(E2.)

Eu acho que as duas coisas acabam se complementando. Porque o poder público e os atores políticos vão precisar dos atores econômicos para se organizar (E1).

É essencial porque as empresas e os setores sempre vão estar em conexão direta. Então, a gente percebe a importância sempre do governo como um todo estar conectado com o setor privado para conseguir tanto enxergar as demandas, quanto as oportunidades e conseguir criar políticas públicas que vão impulsionar a inovação como um todo dentro do país (G1).

Suas falas apresentam a forma como a ACATE se organiza, no sentido de governança, pois diferentes atores estão interligados interorganizacionalmente, influencia o aumento da interdependência entre eles e está ligada à coordenação e ao controle das ações e dos projetos, de modo a desenvolver e especializar seus membros, incentivando a produção de conhecimento comum e incentivando a cooperação e inovação (Amorim; Moreira; Ipiranga, 2004). Assim, “outra característica, a visão sistêmica do setor. Uma visão que são várias frentes que atuam” as empresas que procuram conhecimento geralmente cooperam verticalmente — a cooperação horizontal acontece com menos frequência — com fornecedores locais, consumidores e instituições de investigação, enquanto as

empresas que procuram acesso ao mercado tendem a cooperar internacionalmente (Miotti; Sachwald, 2003).

Um SNI se estabelece a partir de um processo interativo das diversas organizações e instituições, dos setores público e privado, cujas atividades/ funções estão voltadas à produção, à difusão e ao uso de inovações (Freeman, 1995; Edquist, 2001). Nelson (1993) define SNI como um conjunto de instituições que determinam, por meio de suas interações, o desempenho inovativo das empresas. Edquist (1997) define SNI como todos os fatores econômicos, sociais, políticos, organizacionais e outros que influenciam o desenvolvimento, a difusão e o uso de inovações. As falas dos entrevistados demonstram a importância das interações, pois:

A ACATE, por exemplo, onde você consegue fazer com que essas pessoas sintam e conversem, e eu acho que o que diferencia também é esse senso de pertencimento, é o senso de associativismo, de enxergar que é nas conexões, é olhando mais como ganha-ganha do que ganha-perde, né, mas é mais do que um jogo de soma zero quando a gente fala de inovação, a gente precisa conectar as frentes, todo mundo precisa estar olhando de forma muito mais colaborativa do que realmente como concorrência pura, sabe, para que a inovação aconteça (G1).

É uma gestão de comunidade. Se for pensar, então, várias das nossas ações, do planejamento que a gente faz, do que a ACATE entrega, sempre visando esse encontro das pessoas. Então, são eventos, muitos eventos, a gente tem centenas de eventos. Até dá depois para mapear quantos eventos foram entregues esse ano. Que quem vive aqui pode se conectar. Então, a ideia é que todos esses programas conectam as empresas, de alguma forma. Seja por meio de uma trilha de inovação aberta, que é o Link Lab, seja por meio da vertical de negócios que você tem oportunidade de encontrar empresas, encontrar parceiros, já sabendo o que é do seu segmento (G2).

Para mim, a inovação é cultural. A inovação não é um meio de tecnologia, sabe? Eu acho que a cultura tem que ser inovadora. E claro que tem coisas que precisam acontecer para isso ser relevante e realmente se estabelecer. Como, por exemplo, facilidade de comunicação. Não existe um ambiente inovador se tem uma pessoa sozinha no canto achando que ela tem todas as ideias maravilhosas. Então, acho que a primeira skill é você ter esse discernimento de que você vai precisar se relacionar. Conversar. E o que eu estou falando de se relacionar é ouvir também, né? Não é só trazer os seus pontos. (E1).

Então, essa união de dores, de soluções ou de que se pensa de futuro, isso tem que estar muito bem interligado para que realmente a inovação corra junto e a gente consiga ter um processo de evolução tecnológica mais conciso, mais direcionado. E aí, isso vai evoluir muito rápido a partir do momento que a participação esteja mais efetiva realmente (E2).

Dado o exposto, entender o SI segundo os pesquisados aproxima do que Pereira e Dathein (2003), definem sobre crescimento e desenvolvimento: tido como sinônimos (assumindo que todo crescimento é acompanhado de mudança cumulativa, resultando em um processo de desenvolvimento) ora entendido como processos não intercambiáveis. Assim, definem que o crescimento é uma condição necessária (mas não suficiente para o desenvolvimento) a menos que este último processo tenha sido amplamente consolidado, ou seja, a combinação de diferentes formas de inovação promove as condições favoráveis para o desenvolvimento econômico no longo prazo. “Não só vir aqui o Estado, vir o poder público, olha, eu tenho problema disso e disso aqui. Mas para vocês fazerem tem que ser do meu jeito aqui, porque senão não funciona. Então aí é desburocratizar” (E2).

Cario *et al* (200-), alinhados a isso, objetivam em seu artigo apresentar o significado, características e ações voltadas para o desenvolvimento de sistemas regionais inovadores. Para tal, utilizam da bibliografia dos neo Schumpeter e trazem como os resultados que na região, empresas, universidades, institutos de pesquisa, administrações públicas e outros atores estão desenvolvendo relações interativas e colaborativas para o desenvolvimento inovador. Nesse espaço, existem costumes, valores e culturas, além de estruturas produtivas e institucionais que possibilitam diferentes modelos de sistemas regionais de inovação.

Um ambiente propício para a inovação é onde todos os atores estão predispostos a trocar ideias, experiências e desenvolver juntos cenários onde uma empresa que é startup consiga entrar mais facilmente dentro de uma universidade e captar talentos, e esse processo não ser tão burocrático, por exemplo. Participar de uma feira tecnológica, daí a gente consegue levar o que está desenvolvendo para essas pessoas que estão estudando e conhecer um pouco mais de tecnologia. (E2).

Neste contexto, a inovação se apresenta na literatura como primordial para a geração de vantagem competitiva e como ela está estruturada pode ser determinante para o sucesso de implementação de estratégias. Schumpeter, em 1911, estava entre os poucos economistas modernos que observavam a mudança tecnológica e o empreendedorismo na raiz do crescimento econômico. Seu foco, na época, já era o empreendedor e seu objetivo era explicar o papel da inovação no crescimento econômico e na ordem cíclica do sistema (Carlota Perez, 2010).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A presente pesquisa surgiu da inquietação de compreender melhor o papel do programa vertical da ACATE – Associação Catarinense de Tecnologia para promover a inovação, a governança e o desenvolvimento econômico. O estudo atingiu o propósito pesquisado que foi descrever o ambiente de inovação conforme o referencial teórico, citar evidências e traços das relações que se estabelecem dentro do campo (melhorias, barreiras) e analisar o programa vertical da ACATE para a promoção da inovação.

Os conceitos aplicados serviram para compreender como as interações se estabelecem na prática, como os atores contribuem entre si e com a vertical para

fazer a inovação acontecer. Futuras pesquisas devem se pautar num número maior de participantes para se obter generalizações, maior levantamento de dores do programa para propor ações que colaborem na sustentabilidade do mesmo, bem como, investigar com maior profundidade o papel das lideranças no contexto. A partir das entrevistas, foi possível também, identificar a utilidade e fortaleza do associativismo do programa aos associados no que tange a governança, relacionamento, comunicação efetiva e negociação como forma de premiar e/ou recompensar os participantes ativos.

Por fim, pesquisas futuras devem focar no papel das lideranças de cada programa, nos grupos sociais participantes e nos agentes públicos e como esses podem conectar a todo o momento interesses coletivos e semelhantes para manter e reinventar o programa por meio de interesses comuns.

## REFERÊNCIAS

- AMORIM, M. A.; MOREIRA, M. V. C.; IPIRANGA, A. S. R. A construção de uma metodologia de atuação nos Arranjos Produtivos Locais (APLs) no estado do Ceará: um enfoque na formação e fortalecimento do capital social e da governança. **Interações (Campo Grande)**, 2004.
- AMARA, N.; LANDRY, R. Fontes de informação como determinantes da novidade da inovação nas empresas manufatureiras: Evidências da pesquisa estatística de inovação do Canadá de 1999. **Tecnologia**, 25(3), 245-259, 2005.
- BITTENCOURT, P.; CARIO, S. A. F. O conceito de sistema nacional de inovação: das raízes históricas à análise global contemporânea. **ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA POLÍTICA**, v. 21, 2016.
- CARIO, S. A. F.; BITTENCOURT, P.; BURGER, R. LEMOS, D. SISTEMA REGIONAL DE INOVAÇÃO: TRATAMENTO TEÓRICO-ANALÍTICO E ORIENTAÇÃO PARA POLÍTICA DE DESENVOLVIMENTO, **Bluncher** (200-).
- GARCIA, R. **Geografia da Inovação**. 200-, Capítulo 8.
- COASE, R. H. The Nature of the Firm. **The London School of Economics and Political Science**, v. 4, n. 16, p. 386-405, 1937.
- EDQUIST, C. Systems of innovation approaches: Their emergence and characteristics. *In*:  
EDQUIST, C. (Ed.). **Systems of innovation: Technologies, institutions and organizations**. London; Washington: Pinter; 1997.
- FREEMAN, C. The 'National System of Innovation' in historical perspective. **Cambridge Journal of Economics**, v. 19, n. 1, p. 5-24, 1995.
- GODOY, A. S. (1995). Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v.35, n.2, p.57-63, mar./abr.

GRAY B. Collaborating: finding common ground for multi-party problems. San Francisco, **CA: Jossey-Bass**, 1989.

HABERMAS, J. **Teoría de la acción comunicativa**. Madri: Tauros, 1987.

JENSEN, M.; MECKLING, W. Theory of the firm: managerial behavior, agency costs and ownership structure. **Journal of Financial Economics**, v. 3, n. 4, p. 305-60, 1976.

JOHNSON, B. Institutional Learning. *In*: LUNDVALL, B. A. (Ed.). **National systems of innovation: Towards a theory of innovation and interactive learning**. London: Pinter Publishers, 1992.

LE MOIGNE, J-L. **Les épistémologies constructivistes**. Paris: Puf., 1999.

LUNDVALL, B. A (ed.) National systems of innovation: towards a theory of innovation and interactive learning (**Pinter, London**). 1992.

LUNDVALL, B. A. et al. National systems of production, innovation and competence building. **Research policy** 31.2 (2002): 213-231.

LUNDVALL, B-A. **NATIONAL INNOVATION SYSTEMS - ANALYTICAL CONCEPT AND DEVELOPMENT TOOL**. Copenhagen, Denmark, June 27-29, 2005.

LUNDVALL, B-A. National Innovation System: analytical Focusing Device and Policy Learning Tool. **Working Paper**: Swedish Institute for Growth Policy StudiesITPS, n. 4, 2007.

MACIEL, C. M. S.; LINS, E. R.; FERNANDES, N. C. M. Gestão da criatividade para inovação: A perspectiva das gestoras de uma startup graduada em Caruaru-PE. **Gestão & Planejamento-G&P**, v. 21, 2020.

MANZINI, E. J. Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semi-estruturada. *In*: MARQUEZINE: M. C.; ALMEIDA, M. A.; OMOTE; S. (Orgs.) **Pesquisa em Educação Especial**. Londrina: EDUEL. p.11-25, 2003.

MARSHALL, A. **Princípios de Economia**. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

MIOTTI, L.; SACHWALD, F. P&D Cooperativa: Por que e com quem?: Uma estrutura integrada de análise. **Política de Pesquisa**, 32(8), 1481–1499, 2003.

NELSON, R. **National innovation systems**. Oxford: Oxford UP, 1993.

CORAZZA, R. I.; FRACALANZA, P. S. Caminhos do pensamento neo schumpeteriano: para além das analogias biológicas. **Nova Economia**, v. 14, n. 2, p. 127-155, 2004.

NEVES, J. L. Pesquisa qualitativa: Características, usos e possibilidades. **Caderno de pesquisas em administração**, São Paulo, 1(3), 2, 1996.

OSTROM, E. **Governing the commons**: the evolution of institutions for collective action. New York: Cambridge University Press, 1990.

PEREZ, C. Technological Revolutions and Techno-Economic Paradigms. **Cambridge Journal of Economics**, 2010, 34, 185-202.

PEREIRA, A. J.; DATHEIN, R. Processo de aprendizado, acumulação de conhecimento e Sistemas de Inovação: a “coevolução das tecnologias físicas e sociais” como fonte de desenvolvimento econômico. *In*: DATHEIN, R. (Org.) **Desenvolvimentismo: o conceito, as bases teóricas e as políticas** [online]. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

RICHARDSON, R. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1985.

SANTOS, E. C. C. Papel do Estado para o desenvolvimento do SNI: lições das economias avançadas e de industrialização recente. **Economia e Sociedade**, Campinas, v.23, n.2 (51), pp.433-464, ago. 2014.

TRIVIÑOS, A. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1987.